

A COMUNA: MAIS UMA FLOR DE PARIS

Marcos Antonio de Menezes*
pitymenezes@terra.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta a Comuna de Paris de 1871, como um episódio no bojo dos acontecimentos políticos desenvolvidos na França a partir de 1789 (Grande Revolução) e que têm seu desenlace com a Comuna. Percorro quase um século de história para mostrar como a cidade de Paris – o coração político da França – é local determinante para todos esses eventos. Paris assistiu, em seu cenário, às revoluções de 1789, 1794, 1799, 1830 e 1848; todas decididas ali, no palco da cidade. Tais acontecimentos na França fazem parte do vendaval de mudanças provocadas pela ascensão da burguesia ao poder. Com a Comuna de 1871, termina a época das barricadas triunfantes em Paris, e termina em sangue. Paris ganha um novo memorial: o Muro dos Federados, no cemitério *Père Lachaise* na colina de Belleville.

PALAVRAS-CHAVE: Comuna de 1871, Paris, França, revolução, 140 anos da Comuna de Paris.

[...]
Tes tocsins, tes canons, orchestre
assourdissant,
*Teus sinos que tocam o alarme, teus canhões,
orquestra ensurdecidora,*
Tes magiques pavés dressés en forteresses,
*Teus calçamentos mágicos que se erguem qual
fortalezas,*
Tes petits orateurs, aux enflures baroques,
*Teus oradorezinhos, com empolações
barrocas,*
[...]

(BAUDELAIRE, 2005, p. 293)

* Doutor em História Cultural pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Acredito não ser possível falar da Comuna sem filiá-la à tradição revolucionária francesa e ao palco onde ela se desenrolou: Paris. A cidade era o local privilegiado da disputa pelo poder e esse espaço estava no centro dos acontecimentos como fonte obscura e temível do próprio poder. Ordenar, disciplinar essa cidade, vira obsessão para os governantes saídos das lutas de 1848. A defesa contra a ameaça revolucionária dá o tom das intervenções que vão provocar o deslocamento de uma ordem – até então confusa e mal traçada – que remonta ao período medieval.

A cidade de Paris no século XIX passa por várias alterações técnicas que lhe conferem o seu aspecto atual, ou quase isso. As intervenções urbanísticas na cidade têm uma dimensão política. Elas observam o desejo do controle governamental sobre as áreas que até então haviam escapado do poder de fiscalização. Mas, por outro lado, várias revoltas e revoluções mostram que o controle do espaço público também é um problema para os representantes dos poderes constituídos, os republicanos primeiro, depois os socialistas. A geografia das barricadas, erguidas nos “três dias gloriosos” de 1830 e pela Comuna de 1871, desenha um espaço simbólico e político na cidade.

As capitais europeias no século XIX, todos sabem, passam por reformas urbanas: o desenvolvimento urbano se torna uma prioridade dos governos saídos das lutas das barricadas ao longo do século. As tecnologias da revolução industrial são usadas para resolver novos problemas: casas de vários andares, sólidas e bem iluminadas são construídas. A cidade do século XIX é uma cidade de redes. Os apartamentos são equipados com um sistema de evacuação de águas e residuais. A partir de 1850 não só a água encanada é uma realidade; chega o gás para a iluminação e calefação e, em seguida, na década de 1880, a eletricidade. Um eficiente sistema de esgotos está em vigor, o transporte está mudando. As principais linhas ferroviárias penetram o corpo da cidade.

A chegada de mais trabalhadores torna as cidades, centros de poder, politicamente mais agitadas. Em Paris, um motim ganha rapidamente as proporções de uma revolta. A Revolução Francesa toma forma sob a liderança das seções dos *sans-culottes*, recrutados no meio de artesãos e trabalhadores da indústria do luxo e do comércio da capital. Mas a Paris do século XIX é outra. Um miserável proletariado urbano se acumula na capital. Trabalhadores do campo são chamados para construir os novos bairros e ingressar nas indústrias nascentes. Eles rapidamente são cooptados por novas ideologias, especialmente pelo socialismo utópico. A memória da Revolução Francesa está viva, assim como a nostalgia da grande República.

Durante o Segundo Império, sob a batuta de Napoleão III – sobrinho de Napoleão I, que tendo vivido no exílio em Londres, leu os escritos dos reformadores socialistas e viu as carências da metrópole inglesa, mas também soluções urbanas ali realizadas, como a criação de grandes parques abertos à população –, Paris sofre a maior intervenção urbana até então realizada. O imperador manda construir, por exemplo, grandes avenidas e parques como o *Bois de Boulogne* a oeste de Paris e o *Bois de Vincennes*.

Paris nunca tivera um prefeito por medo de que ele tentasse tomar o poder. Napoleão III nomeia um prefeito energético, o Barão Haussmann, que por 20 anos transforma completamente a cara da cidade.

Os trabalhos de Haussmann são financiados através de capitais públicos e privados. O Estado expropria e compra todos os edifícios das ilhas que precisavam ser demolidos, executando vigorosos serviços de terraplenagem. Ruas são abertas, esgotos e o abastecimento de água e a iluminação a gás são implantados. Terrenos urbanizados são repassados para os investidores que, por sua vez, para recuperar o investimento, constroem imóveis e os colocam à venda. Os edifícios não são construídos aleatoriamente, mas devem cumprir normas específicas: o limite de altura é elevado de 17,55 para 20 metros nas ruas com mais de 20 metros de largura; eles devem ter belas fachadas de pedra branca em torno de Paris; os telhados de zinco devem ser cinza e azul e ter uma inclinação de 45°. O modelo das janelas, varandas, alpendres também é regular. Esses são os edifícios do chamado “período Haussmann”.

PARIS, CIDADE DE REVOLUÇÕES

Em Paris, as revoluções são decididas na rua. Em um primeiro período, entre 1815 e 1848, as revoltas são muitas e, pelo menos em duas ocasiões (em 1830 e 1848), conduziram a uma autêntica revolução política. A Comuna de 1871, quando pela primeira vez o proletariado ocupa o poder, é um período trágico. Haverá mais barricadas insurgentes em Paris até 06 de fevereiro de 1934.

Nos anos entre 1815 a 1848, as revoltas importantes em Paris envolvem o governo monárquico e os republicanos. A burguesia urbana – que prescinde de ser governo, mas sempre negocia a paz propícia aos seus negócios –, às vezes, se atreve a mobilizar as pessoas quando os republicanos querem derrubar um governo que defende os seus interesses.

As barricadas são usadas como instrumento de luta pelo controle do espaço público. Insurgentes ergueram barricadas em 1827, 1830, 1832,

1834, 1839, 1848 (fevereiro e junho), 1849, 1851, e é aí que o termo adquire seu sentido moderno.

Em 1830, a burguesia parisiense está contra a monarquia. Ela vai usar o movimento de protesto popular para efetuar uma mudança de regime e colocar no trono um novo rei, Luís Filipe.

Durante a Revolução de 1830, montam-se mais de quatro mil barricadas localizadas nos bairros de Paris. Em 28 de julho de 1830, os moradores lançam uma chuva de telhas, pavimento, mobiliário para fora das janelas ou dos telhados da Rue Saint-Antoine e sobre carros da guarda real. As tropas são detidas atrás das barricadas.

1848 ainda é uma revolução de barricadas. Nas primeiras semanas de fevereiro são 1.512, muitas vezes nos mesmos locais em que ocorreram as de 1830. As barricadas são levantadas sucessivamente, década após década, nas ruas de Paris, não só porque elas podem ser eficazes militarmente, mas também porque têm uma dimensão simbólica: os estudantes e trabalhadores de macacão e jaqueta – roupas que marcam com precisão as classes sociais – estão em toda parte em um momento de fraternização, disputando o direito à cidade.

Da tribuna da Câmara dos Deputados, em janeiro de 1848, o deputado conservador Alexis de Tocqueville alerta seus pares para o perigo de uma revolução popular que “rondava” as ruas de Paris.

Diz-se que não há perigo, porque não há agitação; diz-se que, como não há desordem material na superfície da sociedade, as revoluções estão longe de nós. Senhores, permiti-me dizer-vos que creio que vos enganais. Sem dúvida a desordem não está nos fatos, mas entrou bem profundamente nos espíritos. Olhei o que se passa no seio dessas classes operárias, que hoje, eu o reconheço, estão tranquilas [...]. Tal é, senhores, minha convicção profunda: no momento em que estamos, creio que dormimos sobre um vulcão; disso estou profundamente convencido. (TOCQUEVILLE, 1991, p. 42-43)

A burguesia francesa e o rei Luís Filipe estão apavorados com a possibilidade de um levante das classes consideradas “perigosas”. Guizot – ministro do rei – tenta manter a ordem por meio da censura e da vigilância sobre os descontentes e do controle sobre os membros da oposição socialista. “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa se uniram numa santa caçada a esse espectro: o papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães” (MARX & ENGELS, 1988, p. 65).

Estava certo o deputado historiador: o vulcão sobre o qual pisava a sociedade francesa entra em erupção naquele fevereiro de 1848. A causa imediata é a revolta contra a oposição de Guizot ao projeto de reforma eleitoral que proíbe os funcionários públicos de se candidatarem a funções legislativas e, ainda, amplia o colégio eleitoral para todos os diplomados. A proibição do festim de protesto, previsto para ocorrer em 22 de fevereiro, é a gota d'água que faz transbordar o oceano de descontentamento popular. Imediatamente, barricadas são erguidas nas ruas da capital e a luta contra a Monarquia de 1830 toma conta do cenário urbano.

Em 1860, afastado da Comuna há mais de 12 anos, Baudelaire busca compreender sua participação no movimento e as consequências deste tanto para a arte por ele produzida como para o povo francês. Depois de tanta censura, do medo de as artes tocarem no “trauma de 1848”, na derrota do povo, só resta aos artistas falarem do ocorrido por intermédio de códigos e alegorias. Nesse campo, Baudelaire se revela um mestre.

Em artigo publicado pelo Cebrap, Dolf Oehler (1992) propõe uma analogia entre o poema “A uma passante”, de Baudelaire – do bloco dos *Quadros Parisienses* –, o quadro de Delacroix, *A Liberdade conduzindo o povo*,¹ de 1830, e a Revolução de 1848. “Em meio aos gritos e uivos da rua surge diante do melancólico a viúva que passa em toda sua majestade e o tira de seu *spleen* – ela é como *La Liberté* de Delacroix ao gosto do dândi e teórico da modernidade Charles Baudelaire” (OEHLER, 1992, p. 105-106).

O tema da Revolução de 1848 e o possível intercruzamento com a Revolução de 1830, oferecido pela pintura, ajudam-nos a desvendar as dimensões escondidas no poema “A uma passante”, que fala do “trauma de 1848”. O quadro mostra, sobre uma barricada, uma mulher jovem e descalça com um barrete frígido que brande uma bandeira tricolor. Na desordem de um vestido amarelo-pálido que lhe deixa o peito em descoberto, a mulher domina um grupo de homens armados; a seus pés jazem os corpos dos que caíram na luta. Em segundo plano, no centro à esquerda da mulher, vê-se a catedral de Notre-Dame e as casas ao longo do Sena. A jovem alta se destaca pelo ar sereno e decidido. À esquerda dela, em êxtase, um jovem com duas pistolas que pode ser visto gritando; à direita, um senhor de cartola e casaca preta marcha com firmeza, de fuzil em punho. Os mortos parecem ter sido saqueados, pois estão descalços e quase nus.

A bandeira que a jovem segura na mão é o pavilhão nacional da França. Em outra obra – *A Grécia sobre as ruínas de Missolonghi* –, em que Delacroix retrata a guerra dos gregos contra os turcos em 1820, a mulher heroína já aparece como alegoria da liberdade. No quadro de 1830 as tintas têm mais

brilho e há um movimento mais dinâmico, como se as figuras fossem levadas para cima e para frente. Sem subtrair a forma, o pintor mostra o idealismo estampado nos rostos dos rebeldes; o movimento do avanço dos insurretos é percebido claramente.

Ao reunir elementos antigos e modernos, a obra de Delacroix busca uma linguagem capaz não só de ser entendida por eruditos, como também pelo homem comum. A pintura está integrada à tradição que retrata os acontecimentos de 1830: mostra o ato de bravura do povo francês que responde com um levante popular aos ataques do rei Carlos X contra a democracia.

No quadro, o homem de negro ainda pode ser visto como herói, mas os vitoriosos de 1830, logo que chegaram ao poder, afastaram-se dos operários, deixando cair a aura: as roupas negras passam, então, a ser o retrato do vampirismo e da traição.

Vede bem que a roupa negra e a sobrecasaca têm não apenas sua beleza política, que é a expressão da igualdade universal, mas também sua beleza poética, que é a expressão da alma pública; um imenso desfile de coveiros, coveiros políticos, coveiros apaixonados, coveiros burgueses. Todos nós celebramos algum enterro. (OEHLER, 1992, p. 729)

O quadro de Eugène Delacroix foi pintado em 1830, no calor da revolução que derrubou o rei Carlos X. O soneto “A uma passante” foi publicado pela primeira vez em 15 de outubro de 1860, na revista *L'Artiste*, e não consta na primeira edição de *Les fleurs du mal*, de 1857.

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após? – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!²

De qual multidão fala Baudelaire no soneto? Da multidão que se acotovela nas ruas da Paris de 1860 – momento em que o poema foi publicado – ou da multidão insurreta no meio da qual ele viu os acontecimentos de 1848? Se o poema é, como analisa Oehler, um lamento pelas promessas traídas da Revolução de 1848, a multidão só pode ser a massa revolucionária.

Paris assistiu, em seu cenário, às revoluções de 1789, 1794, 1799 e 1830; todas decididas ali, no palco da cidade.³ Tais acontecimentos na França fazem parte do vendaval de mudanças provocadas pela ascensão da burguesia ao poder.

A rua em torno era um frenético alarido
 Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
 Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
 Erguendo e sacudindo a barra do vestido.⁴
 [A *uma passante*, v. 1-4]

Durante os dias de fevereiro de 1848, as ruas de Paris estavam tomadas por populares e a luta nas barricadas se estendia a toda a cidade. Baudelaire encontrava-se nessas ruas não só ouvindo seus ruídos frenéticos, mas também gritando. Ali as mulheres participavam da luta contra o governo burguês e chegaram até a formar um batalhão.⁵

A mulher que o poeta observa nas ruas, na década de 1860, pode tê-lo lembrado as revolucionárias de 1848, e estas, o quadro do amigo Delacroix. Baudelaire tinha profunda admiração pelo pintor e, muitas vezes, fez críticas elogiosas a ele:

Delacroix me parece o artista mais bem-dotado para exprimir a mulher moderna, sobretudo em sua manifestação heroica, no sentido demoníaco ou divino. Essas mulheres têm, inclusive, a beleza física moderna, o ar de devaneio, mas o colo abundante, com o busto um pouco estreito, os quadris longos e braços e pernas encantadores. (BAUDELAIRE, 1995, p. 785)

A mulher que o poeta vê durante sua caminhada pela cidade se assemelha muito à do quadro: “alta e sutil”, “mão suntuosa”. Se a da moldura se veste de amarelo, a do poema se cobre de negro – luto pela promessa da revolução não realizada em 1848. O melancólico que rumina lentamente suas lembranças, de um sobressalto, de um choque, depara-se com o objeto do desejo. Nesse momento, “passado, presente e futuro se encontram

enfileirados, como no fio contínuo do desejo”.⁶ A visão da parisiense o faz sonhar com a eternidade, com o desejo da liberdade que ele pensara ter chegado naquele ano: “1848 divertiu-nos porque todos arquitetávamos utopias como se fossem sonhos” (BAUDELAIRE, 1994, p. 75). Remete-o também à imagem fatal da *Liberté*, onde o sonho maior de liberdade está pintado em cores fortes.

As lembranças da revolução traída oprimem, como um pesadelo, o cérebro daqueles que dela participaram e que nela colocaram suas esperanças de ver a democracia reinar em um governo republicano. Naquele fevereiro de 1848, a república se coloca como uma bela e voluptuosa mulher que desfila os encantos diante de uma plateia extasiada e desejosa deles. Porém, aqueles jovens parecem ter ficado extáticos e sem forças diante de tamanha beleza, para, com a mão estendida, tirar a dama para uma contradança. Deixam-na à mercê dos velhos amantes, que a colocam de volta a seus afazeres domésticos. *Não é suficiente dizer, como fazem os franceses, que a nação fora tomada de surpresa.* “Não se perdoa a uma nação ou a uma mulher o momento de descuido em que o primeiro aventureiro que se apresenta as pode violar” (MARX, 1985, p. 333).

A catástrofe acontece quando os jovens republicanos de 1848 – fascinados pela possibilidade de uma república popular – ficam paralisados ante as manobras dos conservadores. O que poderia vir a ser um governo democrático se torna, após 15 de maio,⁷ um governo antipopular. A questão operária é bruscamente liquidada pelos mandatários de um corpo eleitoral conservador. Quatro mil operários agarrados às armas se veem condenados à deportação. O estado de sítio se prolonga e a constituição elaborada, sob essa pressão moral, cria a ditadura. “Imbecis são aqueles que julgam que estas coisas podem suceder sem a permissão do povo – ou que ainda acreditam que o bom nome tem sempre origem na virtude” (BAUDELAIRE, 1994, p. 72).

Naquela época, apesar de haver uma grande massa populacional vivendo na capital, a maioria dos franceses ainda habitava o campo: os pequenos e médios proprietários rurais, com medo do “espectro que rondava pela Europa” e de mãos dadas com os conservadores, afastaram os socialistas do poder, abrindo espaço para o *Coup d'État* de Bonaparte em dezembro de 1851.

Em 1830 – momento retratado pelo quadro de Delacroix –, são novamente os jovens, os estudantes e os operários de Paris que fazem a revolução e derrubam o rei que atentara contra a democracia e dissolvera

a Câmara. Mas eles ficam fora do novo governo: os compromissos de Luís Filipe eram com a burguesia liberal financeira.

A jovem que levantou barricadas nas ruas parisienses em 1830 volta com o batalhão de mulheres, durante as jornadas de 1848, para derrubar o rei que, dezoito anos antes, subira ao poder, deixando de fora a juventude republicana. Outra vez ela é traída e não resta outra coisa a essa mulher, agora adulta, senão usar luto em sinal de pesar.

O barulho ensurdecedor das ruas parisienses em 1860 remete o poeta ao passado; vem à lembrança o ruído dos canhões e das pistolas disparadas das e contra as barricadas. A cidade por onde vaga o melancólico, doze anos depois de sua “satisfação” revolucionária – longe de ser tumultuada pelas cenas “alegres” da guerrilha –, é agora povoada por uma gente apressada que mal para nos cruzamentos para dar passagem aos veículos. As pessoas correm atrás do dinheiro; não há mais tempo para sonhar com a liberdade. Só resta ao poeta *flâneur* ruminar o passado. Baudelaire ensaia, então, golpes – como um esgrimista – que possam abrir caminho em meio à multidão. Percorre os subúrbios parisienses em busca de versos e rimas:

Exercerei a sós minha estranha esgrima,
 Buscando em cada canto os acasos da rima,
 Tropeçando em palavras como nas calçadas,
 Topando imagens desde há muito já sonhadas.⁸

[*O sol*, v. 5-8]

Em 1848, o poeta, “na balbúrdia, experimenta a sensação excitante de que tudo é permitido, de que os credores vão rasgar as inúteis promissórias, de que os oficiais de justiça não causarão medo a ninguém, de que os pagamentos estão suspensos, de que a justiça está em férias” (TROYAT, 1995, p. 127). Depois do Golpe de Estado de 1851 só resta ao melancólico o desprezo: “A minha raiva contra o Golpe de Estado. Quantos tiros! Mais um Bonaparte? Que vergonha!” (BAUDELAIRE, 1994, p.74). Assim, após ter se envolvido com a Revolução de 1848, Baudelaire, durante os anos de “calmaria” do Segundo Império, desinteressa-se pela política, mas trabalha para vários jornais de organizações partidárias.

O amante extático diante da bela mulher que passa – matéria tratada no poema “A uma passante” – traz-nos à lembrança os jovens republicanos que, doze anos antes, tiveram à frente deles a jovem república. “Curvada em convulsão, paralisada, petrificada, ofuscada, essa juventude nada fez para impedir que a Augusta imagem desaparecesse tal como havia surgido: no clamor da multidão” (OEHLER, 1992, p. 107). O que restou foi uma

atormentada lembrança: fisicamente despolitizada, a juventude de 1848 assiste, nos anos 1860, ao reinado de quem usa “a férrea máscara mortuária de Napoleão” (MARX, 1985, p. 330).

Petrificados, como tolos *dandies* que apenas contemplam as pernas e a “imagem nobre e fina” da mulher que passa “sacudindo a barra do vestido”, os revolucionários de 1848 viram a “doçura” ser dissolvida pelos assassinos republicanos. Naquelas noites de fevereiro e junho, a luz dos fogos de canhões brilhou sobre Paris e a “efêmera beldade” da *Liberté* fitou a todos com seus olhos grandes, fazendo nascer em cada um a esperança de dias melhores. Mas, como em um ataque inesperado, ela foi subtraída aos olhos do poeta. Em 1860, quando Baudelaire meditava sobre esses acontecimentos, sabia ele que sua vida estava perto do fim: a sífilis já o consumia: “Não mais hei de te ver senão na eternidade?”⁹

Os versos finais do poema sugerem que o amor parece brotar do poeta como uma chama que não é sagrada, nem pode purificá-lo, mas faz nascer nele esperanças de um reencontro: “Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste”.¹⁰ No último verso, o reconhecimento de que as lembranças são nítidas, de que, naqueles dias de fevereiro e junho de 1848, ele teria participado com todo o vigor: “Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste”.¹¹

Como outros intelectuais de seu tempo, Baudelaire se volta, nos anos posteriores a 1848, a uma reflexão crítica daqueles dias em que todos “arquitetavam utopias como se fossem sonhos” (BAUDELAIRE, 1994, p. 75). Para Oehler, ao fazerem um balanço das participações na recente vida política do país, tais intelectuais descobrem, na sua geração e classe, elementos essenciais do seu descontentamento interior. “Isto quer dizer que descobrem a (relativa) universalidade e representatividade de sua própria estrutura psíquica e sua amplitude política no âmbito dos acontecimentos de 1848 e 1851” (OEHLER, 1992, p. 101). Tal descoberta faz com que esses escritores possam publicar – durante o império de Napoleão III, em forma de romance e de poesia – os temas proibidos da história francesa. O âmago dessa sociedade é “tocado através da exposição de paixões privadas, aparentemente isoladas, de heróis exóticos, excêntricos ou anacrônicos” (OEHLER, 1992, p. 101).

Em 1831, a Monarquia de Julho quer esquecer que ela nascera nas barricadas e as aspirações republicanas das pessoas que tinham feito a revolução haviam sido traídas. A imagem da *Liberté* é duramente criticada porque misturava alegoria e realismo.

A COMUNA

Com a Comuna de 1871 termina a época das barricadas triunfantes em Paris, e termina em sangue. Paris ganha um novo memorial: o Muro dos Federados, no cemitério *Père Lachaise* na colina de Belleville.

O Império findou-se com a derrota de Sedan, a ocupação da França pelos prussianos e a proclamação, em 04 de setembro de 1870, da República, cujas instituições se estabeleceram em Versalhes e com a permissão do ocupante. Paris sozinha, cercada e faminta por um mês, recusa-se a se render. Em 18 de março de 1871, o governo de Versalhes envia tropas para recuperar os canhões em Montmartre. São barrados. À meia-noite, o Hotel de Ville está tomado. Por quase dois meses, a cidade é governada pela Comuna de Paris. Mas a cidade é ingovernável. De domingo 21 a domingo 28 de maio, o governo em Versalhes vai retomar Paris dos insurgentes. Estes resistem nos bairros do leste da capital, onde a luta é barricada por barricada, casa por casa. Há mais de 20 mil mortes que se devem acrescentar às 38 mil detenções, aos julgamentos, execuções e deportações para Nova Caledônia ou para lugares insalubres. Os líderes da Comuna são, em parte, membros da Internacional Socialista.

O resultado é um trauma para a população trabalhadora de Paris, já tantas vezes derrotada pela burguesia. Os soldados de Versalhes realizam execuções sumárias em várias províncias, mas a verdade é que a burguesia parisiense abandonara os rebeldes à sua sorte. O abismo dentro do “povo de Paris” continuará a ser profundo. A cidade também sofre terrivelmente. Em antecipação à vitória de Versalhes, grandes edifícios públicos no centro de Paris são incendiados pelos rebeldes. Foram destruídos o Palácio das Tulherias, o Ministério das Finanças (então *Rue de Rivoli*), a Delegacia de Polícia, a Câmara Municipal, o Conselho de Estado, o Tribunal de Contas, o *Manufacture des Gobelins* e outros edifícios que simbolizavam o poder e a riqueza da burguesia da cidade.

THE COMMUNE: ANOTHER FLOWER OF PARIS

ABSTRACT: This article presents the Paris Commune of 1871 as an event in the bulge of the political events which were developed in France from 1789 (Great Revolution) and have its denouement with the Commune. I go around almost a century of history to show how the city of Paris – the political heart of France – is the determinant location for all of these events. Paris watched, in its scenery, to the revolutions of 1789, 1794, 1799, 1830 and 1848; all decided there, on the stage of the city. These procedures in France were part of the whirlwind of changes

caused by the rise of the bourgeoisie to the power. With the Commune of 1871 ends the time of the triumphant barricades in Paris, and it ends into blood. Paris gains a new memorial: the Wall of the Federals, on the *Père Lachaise* cemetery in the hill of Belleville.

KEY WORDS: Commune of 1871, Paris, France, revolution, 140 years of the Paris Commune.

NOTAS

- 1 *A liberdade conduzindo o povo* (1830) – quadro de Eugène Delacroix, Museu do Louvre, Paris. “Delacroix havia ingressado na Guarda Nacional e talvez tenha assistido a algumas lutas próximas ao rio, de forma semelhante à cena que pintou” (POOL, 1987, p. 12).
- 2 “La rue assourdissante autour de moi hurlait/ Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,/ Une femme passa, d’une main fastueuse/ Soulevant, balançant le feston et l’ourlet;// Agile et noble, avec sa jambe de statue./ Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,/ Dans son oeil, ciel livide au germe l’ouragan,/ La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.// Un éclair... puis la nuit! – Fugitive beauté/ Dont le regard m’a fait soudainement renaître,/ Ne te verrai-je plus que dans l’éternité?// Ailleurs, bien loin d’ici! trop tard! jamais peut-être!/ Car j’ignore au tu fuis, tu ne sais au je vais,/ O toi que j’eusse aimée, ô toi qui le savais!” (BAUDELAIRE, C. A uma passante. *As flores do mal*, 1985, p. 344-345).
- 3 Todos esses levantantes contaram com a participação decisiva dos trabalhadores, dos estudantes e dos pequenos comerciantes da capital. As vitórias ou derrotas devem ser creditadas às ações que tiveram lugar na metrópole.
- 4 “La rue assourdissante autour de moi hurlait/ Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,/ Une femme passa, d’une main fastueuse/ Soulevant, balançant le feston et l’ourlet” (BAUDELAIRE, 1995, p. 344-345).
- 5 Sobre esse episódio, pode ser consultada a obra: *Paris sous la République de 1848*. Exposition de la Bibliothèque des travaux historiques de la Ville de Paris. Paris, 1909. Algumas mulheres lutaram nas barricadas durante a revolução de fevereiro, mas foram muitas as que participaram dos intensos combates de rua em junho de 1848. As mulheres de Paris lutaram com tanta decisão quanto os homens e constituíram uma pequena porcentagem do total de mortos, de feridos ou de prisioneiros. Ainda que algumas tenham se limitado a carregar e limpar as armas, outras dirigiram grupos de combate integrados só por homens. A atividade política das mulheres se restringiu depois que se reprimiu o levante dos “dias de junho”, mas muitas haviam aumentado sua consciência social e política.
- 6 Freud, S. Der Dichter und das Phantasieren. *Studienausgabe*. Frankfurt: Band X: Bildende Kunst und Literatur, 1969, apud Oehler, 1992. p. 106.

- 7 Nessa data, a população de Paris invadiu a Câmara para pedir o adiamento das eleições constituintes. Os revolucionários de Paris temiam que as eleições trouxessem para a assembleia uma maioria reacionária, já que o eleitorado do interior da França não tinha ainda, na visão dos líderes, uma consciência revolucionária, sendo o adiamento das eleições o tempo necessário para um trabalho de conscientização dessa parcela do povo francês. A manifestação foi repelida pelo exército, por ordem da ala conservadora do Governo Provisório, que viu nela uma tentativa de Golpe de Estado. Os representantes dos operários foram afastados do Governo Provisório e as eleições aconteceram na data marcada, trazendo para a assembleia, como temiam os operários, uma maioria reacionária.
- 8 “Je vais m'exercer seul à ma fantaisie escrime,/Flairant dans tous les coins les hasards de la rime,/Trébuchant sur les mots comme sur les pavés,/Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés” (BAUDELAIRE, C. O sol. *As flores do mal*, 1985, p. 318-319).
- 9 “Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?” (BAUDELAIRE, C. A uma passante. *As flores do mal*, 1985, p. 344-345).
- 10 BAUDELAIRE, C. A uma passante. *As flores do mal*, 1985, p. 344-345.
- 11 BAUDELAIRE, C. A uma passante. *As flores do mal*, 1985, p. 344-345.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. 5. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- BAUDELAIRE, C. *Escritos íntimos*. Tradução de Fernando Guerreiro. Lisboa: Estampa, 1994.
- BAUDELAIRE, C. Exposição Universal (1855) Belas-Artes. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. Volume único.
- MARX, K. O 18 brumário de Luís Bonaparte. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- NOVAIS, A. (Org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- OEHLER, D. Art Névrose: análise sociopsicológica do fracasso da revolução em Flaubert e Baudelaire. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 32, p. 99-110, 1992.
- POOL, P. *Delacroix*. Rio de Janeiro/Londres: Ao Livro Técnico/Hamlyn, 1987.
- TOCQUEVILLE, A. de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- TROYAT, H. *Baudelaire*. São Paulo: Escrita, 1995.